

DISCÍPULO AMADO E GNOSTICISMO

Flávio Schmitt*

Resumo: A importância do quarto evangelho para compreensão das origens do cristianismo é incontestável. O pensamento joanino marca um ponto de inflexão na cristologia e na eclesiologia do cristianismo primitivo. O quarto evangelho é diferente dos sinóticos na apresentação de Jesus, e diferente de Atos dos apóstolos e das epístolas pastorais na visão da realidade eclesial. Este diferencial tem levado pesquisadores à elaboração de diferentes hipóteses sobre o cristianismo joanino. A caracterização do movimento vai desde um fenômeno sectário isolado até uma comunidade de perfil gnóstico. A origem da comunidade na Palestina, bem como sua relação com os judeus, com o movimento batista, e a relação com a pessoa que conheceu Jesus durante seu ministério e que se torna o discípulo amado, são fundamentais para compreender a literatura joanina e sua relação com o gnosticismo. Este artigo procura investigar a relação entre o discípulo amado da literatura joanina com o gnosticismo. Faz uso dos recursos exegéticos para a consecução de seus objetivos.

Palavras chave: gnosticismo, discípulo amado, literatura joanina.

Introdução

Ao lançar um olhar sobre os primórdios do cristianismo, de imediato é possível perceber a presença de doutrinas e práticas denominadas de heréticas pela tradição. Entre estas doutrinas está o gnosticismo, mais precisamente o gnosticismo cristão.

A existência e o reconhecimento do gnosticismo cristão nos primórdios da tradição cristã necessariamente implica na explicação de sua origem, bem como na dos fatores e elementos que configuram seu modo de ser. A contribuição e relação do gnosticismo com o cristianismo ainda é uma questão em aberto, não obstante as muitas tentativas de colocar um ponto final no assunto.

Este texto assume na definição de gnose e gnosticismo os resultados do colóquio de Messina. Por gnose entende-se o “conhecimento dos mistérios divinos reservados a uma elite”. Por gnosticismo, o “sistema elaborado com base na gnose

* Flávio Schmitt é doutor em Ciências da Religião pela Umesp, professor da Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Flavio@est.edu.br.

e que tem como traços essenciais a centelha divina caída no mundo por ocasião do nascimento, a consciência de si e o regresso ao divino com a morte.¹

1. Gnosticismo

1.1 *As primeiras leituras do gnosticismo* dão conta de uma compreensão onde o gnosticismo é considerado como um fenômeno cristão, resultado da influência da filosofia grega e da religiosidade helenista.

Nesta linha de interpretação do gnosticismo podemos situar os Pais da Igreja e os principais conflitos enfrentados pelo cristianismo. Hipólito de Roma, Irineu de Lyon estão entre os autores cristãos que apontam e refutam, enquanto cristãos, os erros da doutrina gnóstica.

Ao perceber a existência e presença de seitas que insistem no valor do conhecimento como veículo da salvação, condenam tais doutrinas como heresias cristãs. Nesta compreensão não há espaço para percepção de um fenômeno pré-cristão ou mesmo não cristão.²

Na explicação das origens do gnosticismo estão argumentos que apontam para o mundo grego, especialmente da filosofia grega. Além de fazer a origem do gnosticismo remontar à cultura grega, os Pais da Igreja também tentam descrever o que seria uma história desta doutrina herética, essencialmente diabólica e demoníaca.

Esta perspectiva também foi adotada pelos historiadores da Igreja. Na ausência de fontes do próprio gnosticismo, toda interpretação do fenômeno era derivada das informações fornecidas pelos Pais da Igreja.³

Esta mesma perspectiva também foi adotado por alguns estudiosos. Na argumentação está a afirmação que para ter uma ideia do gnosticismo era necessário recorrer aos textos e fragmentos de obras gnósticas disponíveis.⁴ Ora, o que se tinha disponível eram os textos cristãos, logo estes passaram a ser a referência para os estudos.

¹ SIMON, Marcel; BENOIT, André. **Judaísmo e Cristianismo Antigo**: p.287 Colóquio de Messina reuniu especialistas sobre o assunto em abril de 1966. Nele foi definido o uso científico dos termos gnose e gnosticismo.

² SIMON; BENOIT, 1987, p.276.

³ SIMON; BENOIT, 1987, p.278

⁴ SIMON; BENOIT, 1987, p.278

1.2. *Religionsgeschichte* – “Escola da História das Religiões”

Esta compreensão do gnosticismo marcada pelo selo cristão foi completamente transformada pelos estudos da *Religionsgeschichte* – “Escola da História das Religiões”. Nesta escola, a concepção clássica sobre a origem do gnosticismo cede lugar para a compreensão de um fenômeno da história das religiões.⁵

Nesta perspectiva, o *gnosticismo* não é mais compreendido como uma seita herética do cristianismo primitivo, mas como uma das muitas formas de expressão religiosa conhecida na Antiguidade.⁶

A tese principal da História das Religiões sustenta que o *gnosticismo* é um

“movimento religioso não cristão, provavelmente pré-cristão, que a princípio nada tivera a ver com o cristianismo, mas que para ele convergira no começo de nossa era, dando origem ao gnosticismo cristão”.⁷

Uma das primeiras tarefas da *Religionsgeschichte* foi fazer um levantamento dos temas fundamentais do *gnosticismo*. Na comparação de diferentes textos foi possível verificar a existência de um certo número de temas principais e um certo número de temas secundários. Além disso, a História das Religiões também se preocupou em precisar a origem dos textos gnósticos.⁸

A presença do dualismo e a ideia do salvador que desce ao mundo para salvar almas é deduzida do estudo da literatura religiosa do Antigo Oriente Próximo.⁹ Estudos da religiosidade helenística e romana, especialmente dos cultos orientais, também revelaram identificação temática com a gnose.

Coube a Reitzenstein trazer ao conhecimento a origem do mito do “Salvador Salvado”. Este tema próprio do gnosticismo afirma que

O homem primordial contém em si todas as almas individuais, e, no momento em que envia um mensageiro à matéria, a fim de libertar a alma coletiva, o que se passa, de uma forma ou de

⁵ SIMON; BENOIT, 1987, p.279

⁶ Entre os principais pesquisadores estão: W. Bousset, R. Reitzenstein, P. Wendland e M. Lidzbarski. No âmbito da teologia está R. Bultmann. Na filosofia G. Widengren e Hans Jonas.

⁷ SIMON; BENOIT, 1987, p.279 A História das Religiões também vai afirmar que o *gnosticismo* manteve uma existência própria que mais tarde se funde com o maniqueísmo.

⁸ Resumir p.282. Depois de cogitar inicialmente a origem egípcia do gnosticismo, os pesquisadores passaram a identificar os temas gnósticos com o Oriente. Nesta orientalização da origem, a hipótese

⁹ Bousset. Apud SIMON; BENOIT, 1987, p.280.

outra, é a salvação da alma por ela mesma, a vinda do Salvador para realizar sua própria salvação.¹⁰

Esta mesma linha também é seguida por Bultmann e seus discípulos que concentram seus estudos em distinguir temas gnósticos presentes na literatura do Novo Testamento. A partir de estudos realizados no Evangelho de João, buscam comprovar a relação entre a descrição da pessoa de Jesus e a concepção gnóstica do mensageiro celeste.¹¹

1.3. Filosofia

Outra linha de estudo dos temas da literatura gnóstica será efetuada pela linha de interpretação da filosofia existencialista. Nesta pesquisa, mais do que os temas da gnose, a atenção passa a estar voltada para a “atitude básica, existencial, assumida pelo homem nos diferentes sistemas gnósticos”.¹²

Por meio do estudo de textos gnósticos, Hans Jonas destaca o que denomina de “princípio da construção”. Para Jonas, a gnose consiste basicamente numa nova atitude espiritual. Este novo princípio espiritual parte da compreensão de que Deus salva os seres humanos do mundo. Este mundo se estrutura na base de antíteses como luz/trevas, *pneuma/psique*, vida/morte. Deus representa a negação do mundo e de tudo o que está inserido na ideia de mundo/cosmo.¹³ Jonas inclusive identifica a essência e originalidade da atitude gnóstica nesta negação do mundo. Neste aspecto Jonas também percebe uma distinção com o pensamento grego.¹⁴

Um importante aporte para compreensão dos temas gnósticos vem dos estudos sobre o maniqueísmo. Graças aos estudos de Puech, o gnosticismo pode ser considerado um fenômeno mais delimitado, com uma essência mais definida e uma originalidade mais caracterizada.¹⁵

Os estudos mostram que entre os temas fundamentais do gnosticismo estão:

- 1º uma teoria do conhecimento: o conhecimento de si e o conhecimento de Deus, de fato idênticos, implicam a certeza da salvação;
- 2º um dualismo essencial, que leva à depreciação do cosmo;

¹⁰ SIMON; BENOIT, 1987, p.280. As contribuições de Ratzenstein tornaram fundamental o estudo do *Canto da Pérola* para compreender o fenômeno gnóstico.

¹¹ SIMON; BENOIT, 1987, p.280.

¹² SIMON; BENOIT, 1987, p.281.

¹³ SIMON; BENOIT, 1987, p.281.

¹⁴ SIMON; BENOIT, 1987, p.282.

¹⁵ SIMON; BENOIT, 1987, p.282.

- 3º um mito do “Salvador-Salvado”;
4º um mito da ascensão da alma.¹⁶

Estudos mais recentes sobre as diferentes correntes do judaísmo dos primórdios do cristianismo tentam relacionar o gnosticismo com círculos judeus e não judeus. A chave desta leitura está na perspectiva apocalíptica e escatológica do judaísmo preocupado com a intervenção divina na história.¹⁷

A primeira questão que todas estas tentativas de compreender o gnosticismo colocam é metodológica. Até que ponto é possível compreender um fenômeno religioso a partir da comparação dos temas presentes em sua literatura ou na literatura em que é aludida? Não obstante as tentativas de compreensão, o resultado alcançado ainda parece demasiado limitado para a compreensão de um fenômeno tão complexo e geograficamente disperso..

Conclusivo por hora parece ser a afirmação de que definitivamente a gnose não é um fenômeno cristão. Pelo contrário, é anterior ao cristianismo. O que precisa ainda ser aprofundado é a origem do que se convencionou chamar de “gnosticismo cristão”, ou seja a relação entre gnosticismo e cristianismo.

A dificuldade que impede uma definição concisa do fenômeno gnóstico reside no fato de ser um dos mais expressivos movimentos sincretistas da antiguidade. Misturam-se nele pensamentos do Irã, do judaísmo, das religiões dos mistérios, da filosofia, astrologia, das religiões tradicionais e nas mais diversas proporções, produzindo uma extraordinária variedade de formas.¹⁸

2. Gnosticismo cristão

Definir o gnosticismo cristão tem sido uma das tarefas mais difíceis nos últimos tempos. Por uma lado, fala-se do movimento gnóstico e do movimento cristão como duas realidades separadas. Por outro lado, fala-se do movimento gnóstico e sua relação com os primórdios do cristianismo.

Tanto gnosticismo quanto o cristianismo incipiente tinham respostas para as grandes perguntas do ser humano: de onde eu vim ? para onde vou ? Para os gnósticos este mundo é resultado de uma contradição da própria divindade. Como parte da divindade, o ser humano foi aprisionado e neste mundo está privado da

¹⁶ SIMON; BENOIT, 1987, p.282.

¹⁷ Tese defendida por R.M.Grant. Também J. Daniélou sustenta que as doutrinas gnósticas são de origem judaica, ligados à apocalíptica judaica e depois cristã.286.

¹⁸ BRAKEMEIER, Gottfried. **Mundo Contemporâneo do Novo Testamento**. p.211.

comunhão com Deus. No mundo o ser humano é um estranho. Ele não pertence a este mundo. Para o gnóstico, o importante é tomar consciência desta condição. Com base neste diagnóstico, o gnóstico tem gnose, conhecimento.¹⁹

Contudo, para despertar da dormência na qual se encontra, o ser humano precisa ser chamado pelo Salvador. No gnosticismo cristão esse Salvador é Jesus. Este chamado de Jesus desperta o ser humano e o torna gnóstico, conhecedor de sua condição e destino. Por meio do conhecimento o ser humano gnóstico passa a rejeitar radicalmente sua condição humana e seu envolvimento com as estruturas deste mundo.

Boa parte do que sabemos acerca do gnosticismo cristão é oriundo dos Pais da Igreja que o condenaram. Nesse sentido, não há como deixar de reconhecer o interesse genuinamente cristão na descrição deste gnosticismo.

Em geral, se identificam traços do gnosticismo na própria criação do cânon do Novo Testamento. Vestígios mais claros do gnosticismo são percebidos na literatura joanina e nas demais cartas pastorais. Também os adversários de Paulo em Corinto, Filipos e na Galácia são acusados de gnósticos.

No caso da literatura Joanina, é afirmado que o evangelho se opõe ao gnosticismo. O evangelista firma que o verbo se fez carne (Jo1.14).²⁰ Também os hereges das cartas joaninas são acusados de fazer uma diferença entre Jesus, como humano, e Cristo, como espírito. Cristo estaria apenas revestido de Jesus. A encarnação não teria acontecido efetivamente.

2.1 João

Uma das características do evangelho de João diz respeito ao entrelaçamento entre o estilo e a teologia. Segundo Brawn,²¹ a presença poética está limitada à fala mais solene de Jesus, onde o discurso divino está presente. Por outro lado, o autor de João emprega metáforas. Com as metáforas abre possibilidade para mais uma interpretação da narrativa.

Depois do prólogo (1,1-1,18), onde Jesus é apresentado como ser divino que é luz e Filho do unigênito de Deus (1.14,18), segue o livro dos sinais (1.19-12.50), onde a primeira parte trata do tema da vida (2-4). Segue com o tema da luz que

¹⁹ SCHOENBORN, Ulrich. **Gnosticismo cristão**: p.3.

²⁰ Assim BRAKEMEIER, Gottfried. **Mundo Contemporâneo do Novo Testamento**.p.223

²¹ BROWN, 1984, p.460.

culmina com a narrativa do bom pastor (5-10). João 11-12 tratam da ressurreição de Lázaro e de sua repercussão.

A segunda parte do livro está reservada para o “livro da glória” (13.1-20.31), onde estão inseridos a narrativa da ceia e o último discurso de Jesus (13-17), e o relato da paixão e morte (18-19) e as cenas em Jerusalém e o destaque à fé no ressuscitado (20.1-29). O epílogo (21.1-25) conclui o evangelho.²²

“Entre os estudiosos do NT do século XX tornou-se predominante a convicção de que o pano de fundo religioso do evangelho de João é sobretudo o gnosticismo”.²³ Porém, os documentos mais antigos do gnosticismo gentio datam do século VII ou VIII e estão relacionados com os mandeus.

Neles encontramos o mesmo dualismo luz-trevas, de cima-de baixo, morte-vida, Deus-mundo. O conceito da verdade tem importância especial nesses escritos. Descreve o relacionamento com o ser supremo e também com as outras pessoas, e pode também se tornar o poder de salvação personificado.²⁴

A discussão acerca da influência gnóstica no evangelho vai da afirmação de que um “personagem de salvação, como aparece nos escritos gnósticos, não pode ser comprovado em épocas pré-cristãs” (C. Colpe), passando pela hipótese de que o evangelho de João pode ter sido influenciado pelos mandeus (R. Bultmann) e da negação desta possibilidade (W. G. Kümmel), até a afirmação de que João é influenciado por um suposto gnosticismo judaico (R. Schnackenburg).²⁵

Digno de nota nesse contexto são também os escritos de Nag-Hammadi. Em 1945 nesse lugar na região de Chenoboskion no Egito foram encontrados 50 tratados gnósticos em língua copta. Entre eles estavam o Evangelho de Tomé, o evangelho da Verdade (Evangelium Veritatis) e o apócrifo de João.²⁶

²² BROWN, 1984, p.480ss.

²³ HOERSTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. p.44. O autor chama atenção para o fato de que não dispomos de escritos que provem a existência de um gnosticismo gentio na época do surgimento do NT.

²⁴ HOERSTER, 1996, p.45.

²⁵ HOERSTER, 1996, p.46s.

²⁶ Segundo HOERSTER, o evangelho da Verdade é importante para a relação com o evangelho de João. Ele surgiu por volta de 150 d.C. Nele são discutidas as questões da salvação do homem e da origem do salvador. “O homem vem de Deus e está destinado a voltar para Deus. O salvador abre esse caminho para a volta, ao revelar Deus e possibilitar o conhecimento de Deus. A salvação acontece por meio do conhecimento da revelação divina”.

As muitas tentativas de explicar a relação de João com o gnosticismo também passam pela interpretação da testemunha ocular junto à cruz (Jo 19.35). A presença de um discípulo anônimo a quem Jesus amava (Jo 19.26) no evangelho, tem suscitado as mais diferentes explicações. Este discípulo amado anônimo, além de testemunhar, também “escreveu estas coisas” (Jo 21.20,24).

Na tradição cristã primitiva, coube a Irineu (180 d.C.) transmitir a informação onde o discípulo amado é identificado com João, um dos doze, que viveu em Éfeso.²⁷ Contudo, há grande resistência em acolher a ideia de que João, testemunha do ministério público de Jesus, tenha escrito e que seja o discípulo amado.

A pesquisa tem cogitado três hipóteses para a identidade do discípulo amado. A primeira identifica o discípulo amado com “uma figura neotestamentária conhecida”. Na relação estão João, filho de Zebedeu; Lázaro, João Marcos e Tomé. Outra possibilidade identifica o discípulo amado com um símbolo, “criado para modelar o discípulo perfeito”. Uma terceira alternativa levanta a hipótese de que o discípulo amado seja uma “figura secundária durante o ministério de Jesus”.²⁸

A imagem joanina de um salvador que veio do alto, de um mundo estranho, que afirmou que nem ele e nem aqueles que o aceitaram eram deste mundo (Jo17.14) e que prometeu voltar para levá-los para as moradas celestes (Jo14.2-3) poderia corresponder à imagem gnóstica de mundo.²⁹

Na tradição gnóstica existe a figura do príncipe. O livro de *Atos de Tomé* narra o que vem sendo denominado de “hino da pérola”, “poesia da pérola”, “hino da alma” ou ainda “hino de Judas Tomé Apóstolo no país dos indianos”³⁰. Este mito helenista ou conto popular apresenta a “entrada da alma humana na encarnação corporal e seu despojamento final do corpo”.³¹

No mito um jovem príncipe é mandado por seus pais para procurar e trazer uma preciosa pérola que se encontra no fundo do mar e guardada por um dragão.

O (1) rei do (2) Oriente (Pártia) envia (3) o príncipe pela estrada (4) da satrapia de Mesene (“Meson”) ao (5) Egito, a fim de (6) obter uma pérola preciosa. O príncipe (7) é intoxicado e embebedado pelos (8) egípcios. Mas (9) é despertado por (10) uma mensagem do rei. Ele (11) pega a pérola e (12) retorna ao

²⁷ BROWN, 1984, p.501.

²⁸ BROWN, 1984, p. 501.

²⁹ BROWN, 1984, p. 505.

³⁰ Todos esses títulos são criação dos pesquisadores modernos. Esses títulos não constam nos manuscritos antigos.

³¹ LAYTON, Bentley. **As escrituras gnósticas**. p.433.

Oriente, onde veste (13) um manto de *gnosis* (14) ascende ao palácio do rei, (15) entrando no reino de paz.³²

Antes de partir o príncipe é orientado para não ser reconhecido. As vestes reais lhe são tiradas. É instigado a não esquecer sua ascendência real. Depois de viajar faz sua morada junto ao dragão. Ali aguarda o momento certo para pegar a pérola. Contudo, devido aos alimentos fornecidos pelos habitantes locais, o príncipe esquece da sua missão e origem real. Assim permanece até receber a mensagem dos pais já desiludidos como filho. A carta levada por uma águia exorta o príncipe a despertar do sono e lembrar de sua procedência, a ver sua escravidão e lembrar da pérola que o levou ao Egito. Então o príncipe acorda. É tomado de grande alegria. Também se lembra da tarefa da qual havia sido incumbido. Consegue então enfeitiçar o dragão, roubar a pérola e tomar o caminho de volta para casa. A carta o protege dos poderes malignos. Próximo de casa recebe as vestes enviadas pelos pais. Ele volta a ser príncipe. Cumpriu sua missão e devolve a pérola ao rei dos reis.

O sentido figurado desta poesia pode ser assim resumido:

A pérola que pertence ao rei representa a alma ou o espírito do ser humano, presa do dragão. O príncipe é o salvador, enviado pela divindade em busca da pérola perdida. Ele se disfarça para não ser reconhecido pelos poderes escravizantes. Muda as suas vestes, deixa pra trás o que o identifica como ser divino. Mas ele sofre o mesmo destino da pérola. Esquece de onde vem. Neste momento ele é um salvador que mesmo necessita de salvação. A mensagem salvadora lhe é transmitida pela referida carta. Esta muda a sua situação. No momento em que lembra de sua qualidade de príncipe, ele é um salvador que foi salvo. Depois de ter raptado a pérola é transformado de novo em ser divino que o é visivelmente”.³³

Desse modo, o mito descreve a sorte do ser humano, sua natureza e missão. Na tradição cristã esta história foi relacionada com Jesus. Ele é o salvador que trás a gnose aos seres humanos. O corpo apenas lhe serve de disfarce. Ele se veste de humano para camuflar a verdadeira natureza.

O autor do “hino da pérola” é desconhecido. Mesmo sendo um texto de *Atos de Tomé*, acredita-se que o mesmo seja uma composição independente e que foi incorporado pelo autor por ocasião da elaboração do livro.³⁴

³² LAYTON, 2002, p.434.

³³ BRAKEMEIER, 1971, p.220s.

³⁴ *Atos de Tomé* provavelmente foi escrito em Edessa, por volta de 200-225 d.C. A língua original de composição também é debatida. São cogitados o grego e o siríaco, não sendo descartada a possibilidade de uma publicação simultânea nas duas línguas. LAYTON, 2002, p.435s.

A pergunta pela relação entre o discípulo amado de João e o gnosticismo nunca foi devidamente respondida. Ora, a figura do discípulo amado que aparece no evangelho de João se assemelha à figura do príncipe, contada na tradição gnóstica no livro de *Atos de Tomé*. As características do discípulo amado em João 21.20 se aproximam da descrição do príncipe gnóstico. Como elementos identificadores estão o anonimato e o desconhecimento. Quando Pedro pergunta: Senhor, e este? De quem estava mesmo falando? Quem pergunta é Pedro. Logo Pedro que havia convivido tanto com Jesus parece desconhecer o discípulo amado.

A resposta de Jesus é ainda mais intrigante: “se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa ?” (Jo 21.22). Na sequência a narrativa de João segue com a informação de que circulou um boato de que o discípulo amado não morreria.

De alguma maneira, o discípulo amado é o príncipe que está à espreita da pérola. Nesse sentido, João apresenta o discípulo amado como uma forma de personificação da sabedoria gnóstica.

Conclusão

O gnosticismo é um fenômeno a ser definido. Embora os primeiros estudos tenham relacionado o gnosticismo com o cristianismo e numa perspectiva apologética, as pesquisas mais recentes tem procurado situar este fenômeno como sendo anterior ao próprio cristianismo. Nesta direção são fundamentais as conclusões dos estudos comparados das religiões. Além de atribuir ao gnosticismo uma certa “autonomia existencial”, estes estudos também mostraram que a dimensão religiosa, filosófica e ética do gnosticismo tem raízes em antigas tradições orientais. Além disso, as descobertas de Nag Hammadi revelaram textos gnósticos que atestam a originalidade do fenômeno.

Com relação ao Evangelho de João é difícil dizer o que nele é gnóstico e qual gnosticismo influenciou a comunidade joanina. No caso específico da figura do discípulo amado, pode-se perceber elementos em comum entre o personagem principal do hino da pérola e as características do discípulo amado de João. Ainda assim, uma simples identificação do discípulo amado com o príncipe é temerária. Pois, nesse caso, a identidade gnóstica não estaria no próprio Jesus, mas no discípulo amado. Fato que necessariamente desencadearia uma outra discussão.

Conclusivo, no entanto, é o fato de o gnosticismo não ser assim tão avesso à realidades corpóreas como a tradição cristã legada por Irineu deixa a entender. Aqui seria preciso ampliar a discussão para distinguir o que o cristianismo questiona do gnosticismo acerca da compreensão de Jesus, daquilo que efetivamente o gnóstico propõe como sentido de vida. A rejeição radical da condição humana e do envolvimento com as estruturas deste mundo talvez deva ser vista mais na perspectiva da inconformidade da pessoa gnóstica com este mundo e a tensão gerada pelo fato de estar neste mundo, e precisar dispor dos recursos deste mundo para viver, do que propriamente uma negação do mundo.

Referências

BRAKEMEIER, Gottfried. **Mundo Contemporâneo do Novo Testamento**. São Leopoldo: Faculdade de Teologia, 1971. 141 p.

BROWN, Raymond Edward. . **A Comunidade do Discípulo Amado**. São Paulo: Paulinas, 1984. 216 p.

BROWN, Raymond Edward. . **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004. 1135 p. (Bíblia e história Série maior)

HOERSTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1996. 197 p.

LAYTON, Bentley. **As escrituras gnósticas**. São Paulo: Loyola, 2002. 584 p.

San Irineo. Disponível em: <http://www.corazones.org/santos/ireneo.htm>. Acessado em 15.07.2012.

SCHOENBORN, Ulrich. **Gnosticismo cristão: linguagem revolucionária e releitura de texto**. São Leopoldo: IEPG, EST, 1995. 36 p.

SIMON, Marcel; BENOIT, André. **Judaísmo e Cristianismo Antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino**. São Paulo: Pioneira, 1987. 350 p. (Biblioteca Pioneira de ciências sociais Histórian. 10).